




Pacto Educativo Global: um desafio envolvente que reivindica múltiplos atores

Global Educational Pact: an engaging challenge that demands multiple actors

José Aguiar Nobre ^[a] 

São Paulo, SP, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Donizete José Xavier ^[b] 

São Paulo, SP, Brasil

^[b] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Como citar: NOBRE, José Aguiar; XAVIER, Donizete José. Pacto Educativo Global: um desafio envolvente que reivindica múltiplos atores. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 02, p. 234-245, maio/ago. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.002.DS03>.

Resumo

Ao depararmos com a proposta apresentada pelo Papa Francisco sobre a urgência de um Pacto Educativo Global, a primeira questão que se evidencia consiste em entender que para se fazer um pacto é imprescindível que todos os atores envolvidos estejam de acordo. E, para tanto se sentam para decidirem e acertarem as variáveis a serem cumpridas em tal pacto. Contudo,

^[a] Pós-doutorado em Filosofia (UFPR); Pós-doutorado em Educação (PUC-Campinas). Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e-mail: nobre.jose@gmail.com

^[b] Doutor em Teologia Fundamental pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, e-mail: djxavier85@gmail.com

nesta questão, se faz necessário entender que a via de acesso a tal nível de compreensão se faz no decorrer do processo, via instrução, compreensão e reflexões sobre as complexidades da proposição que se tem atualmente com pretensões de universalidade e que independe de confissões religiosas ou não, por se tratar de uma questão genuinamente antropológica. Do ponto de vista formal indagamos: como os múltiplos atores poderão contribuir para que seja possível ampliar o diapasão de entendimento deste desafio para avançarmos sempre mais? Se trata de uma pesquisa de revisão bibliográfica, cujos resultados esperados circunscrevem ao entendimento de que o Pacto Educativo Global alcançará rumos cada vez mais assertivos, na medida em que somarmos forças e envolvermos múltiplos atores no processo educativo, como traz o tom da proposta, de que para educar necessitamos do envolvimento de toda a aldeia.

Palavras-chave: Pacto Educativo Global. Papa Francisco. Educação. Múltiplos atores. Linguagem.

Abstract

When faced with the proposal presented by Pope Francis regarding the urgency of a Global Educational Pact, the first issue that becomes evident is to understand that in order to make a pact, it is essential that all actors involved agree. To do so, they sit down to decide and agree on the variables to be met in such a pact. However, in this matter, it is necessary to understand that the way to access this level of understanding is done during the process, through instruction, understanding and reflections on the complexities of the proposition that is currently being put forward with claims to universality and that is independent of religious denominations or not, as it is a genuinely anthropological question. From a formal point of view, we ask: how can multiple actors contribute to broadening the understanding of this challenge so that we can move ever further forward? This is a bibliographical review research, the expected results of which are limited to the understanding that the Global Educational Pact will reach increasingly assertive directions, as we join forces and involve multiple actors in the educational process, as brought out by the tone of the proposal suggests, of that in order to educate we need the involvement of the entire village.

Keywords: *Global Education Pact. Pope Francis. Education. Multiple actors. Language.*

Introdução

Considerando a complexa realidade hodierna em que vivemos, deste tempo marcado pelo imediatismo, onde tudo é fragmentado, o processo educativo torna-se um grande desafio. Em vista desta compreensão, é preciso reconhecer que os atores envolvidos nesse processo, com a nobre missão de educar, evocam a importância de envolver múltiplas vozes a fim de que a assertividade da educação seja sempre maior. A temática do Pacto Educativo Global na perspectiva fomentada pelo Papa Francisco nos coloca neste processo de compreensão da sua dinâmica educativa.

Quando observamos as diferentes iniciativas para que a teleologia humana seja sempre mais evidenciada e, sendo assim, as possibilidades de um genuíno envolvimento de toda a comunidade humana nesse processo de forjar um ser humano cada vez mais hábil, se faz perceber. Neste sentido, compreendemos que o desafio para desempenharmos a nossa sublime vocação enquanto humanos de um cuidado recíproco e como os seres da criação se tornará mais evidente na medida em que entendemos o que realmente significa as reais aporias propostas na dinâmica embutida no Pacto Educativo Global. Entre introdução e considerações finais, o presente texto ficou assim subdividido: (i) *O que entendemos por educação?*; (ii) *A imaginação na metáfora do amor*; (iii) *A riqueza da linguagem para o artesanato da existência educativa*.

O que entendemos por educação?

Vale recorrer à etimologia da palavra *educare*: do latim *Ex*, derivado que significa “fora”, e *ducere* que significa “guiar”, logo, educar consiste em “guiar para fora”. Nesses termos, a Educação torna-se grande desafio, pois diz respeito a um horizonte que se abre ao ser humano em suas buscas mais profundas, ou ainda, a possibilidade de guiá-lo e de reconduzi-lo à consciência de si mesmo e de pensar os fundamentos mais recônditos de sua existência. “Se é verdade que o ser humano é um animal que se pergunta”, poder-se-ia dizer que, em cada pergunta está a questão do seu sentido, do fundamento do real da sua busca. Sendo assim, o ser humano necessita de mediações para exprimir e manifestar a sua sacralidade, uma vez que vive à procura da sua humanidade e do segredo que ela guarda (Gesché, 2003, p. 13). Em vista desta compreensão, a partir da perspectiva do Pacto Educativo Global, essas mediações se efetivarão a partir da capacidade humana para uma convivência cuja mudança para a caminhada educativa se faz ver. Nesta perspectiva, argumenta o Papa Francisco tanto para a importância de nos colocarmos à disposição para uma caminhada educativa quanto para a disponibilidade de colocarmos os talentos de todos em prol da causa educativa.

Visto que toda a mudança precisa duma caminhada educativa para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora, renovo o convite para se dialogar sobre o modo como estamos a construir o futuro do planeta e sobre a necessidade de investir os talentos de todos (Francisco, 2019).

Nesse sentido, a partir da provocação do Papa Francisco, recordamos que a relação fraterna, a convivência e os valores cultivados são imprescindíveis para que as decifrações do processo educativo possam acontecer de modo sempre mais exímio e assertivo. Em vista disto “é importante salientar que a antropologia do Papa Francisco defende radicalmente a dignidade de cada pessoa como filha e filho de Deus. Tal defesa reivindica, efetivamente, a eclosão de uma fraternidade universal” (Conceição; Nobre, 2021, p. 52).

Para Ricoeur, o ser humano aprende a reconhecer-se a si mesmo na relação com as outras criaturas, expressando-se e exprimindo o mundo, explorando sua sacralidade, decifrando a do mundo

(Ricoeur, 2009, p. 216). É o estado permanente de decifração em que o ser humano se encontra, que exige as mediações de sua manifestação. As mediações tão necessárias para que os seres humanos possam decifrar a si mesmo com maestria e grandeza, se dão mediante a capacidade de abertura ao diferente. Nesta perspectiva, assevera o Papa Francisco, na Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, para que tenhamos sempre “o cuidado de cultivar os contatos com os estudiosos de outros ramos do saber, quer se trate de crentes quer de não crentes, procurando entender e saber interpretar as suas afirmações, bem como ajuizar sobre elas à luz da verdade revelada” (VG, 4b) e é desse modo que se forja uma vivência coletiva.

Dito isso, inspirado no que a proposta do Pacto Educativo nos conduz, a uma abertura ao diferente, dentre tantas outras iniciativas, conseguiremos mostrar que o ser humano é mediado por símbolos e manifestações culturais, que, nesta pesquisa, chamar-se-ão manifestações fenomenológicas. É desse modo que seguiremos a linha da fenomenologia-hermenêutica ricoeuriana, que evidencia a questão da interpretação da vida como abertura para uma genuína vivência coletiva. Com isso, busca-se evidenciar que as mediações fenomenológicas que manifestam o humano realizam um desdobramento da decifração de si nas espessuras temporais da história e na tessitura da existência, cujos desvios das manifestações fenomenológicas se fazem importantes. O ser humano necessita desses desvios – como o é o mito, o símbolo e a poética –, pois tais mediações lhe dão acesso à decifração do seu enigma. Posto isto, no afã de entendermos o que significa educação, compreendemos que esses desvios configuram o ser humano no quadro de uma Antropologia do ser capaz. Nesta perspectiva, ressaltamos que a linguagem intimamente ligada à existência humana tem, por si, um caráter construtor da realidade. Nesse sentido, o caminho que se propõe neste artigo é o de pensar e oferecer uma razão epistemológica capaz de suscitar um pacto da educação que considere linguagem e antropologia.

Sem a necessidade de fazermos uma digressão sobre aquilo que compreendemos por educação, vale dizer que a Filosofia da linguagem constitui um desafio para a Antropologia educativa, pois não se pode falar do ser humano sem levar em conta as regras da sua linguagem. A linguagem está no centro da questão antropológica, pois o ser humano é linguagem e se expressa mediante as múltiplas linguagens. E, neste tempo do pensamento débil, a hermenêutica da linguagem torna-se um novo paradigma. Na análise da linguagem, em Paul Ricoeur, recordemos que uma linguagem metafórica consiste numa linguagem criativa que tem o poder de dizer o novo, o inaudito. Ela é criativa devido a sua função referencial mais primitiva, que lhe é própria. Por exemplo, a metáfora tem o poder de ingerir um novo mundo no jogo lúdico da imaginação. A imaginação torna-se percepção de uma nova pertença predicativa. Um imperativo que faz eclodir num processo de maturação que vai da moral da convicção à ética da responsabilidade. É aqui, no processo educativo, mediante o exercício metafórico da linguagem, que a dimensão imagética ganha sentido: poder-se-ia dizer que a imaginação intervém diretamente, uma vez que ela é, como afirmara Aristóteles, a chave do funcionamento metafórico da linguagem. Deste ponto de vista, vale recordar aquilo que propõe o Papa Francisco para as universidades católicas, por exemplo, a fim de que a educação seja cada vez mais eficiente, mediante novas histórias e paradigmas. Assim assevera o Papa Francisco:

Daí o terceiro critério fundamental quero recordar: a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação. O que qualifica a proposta acadêmica, formativa e de investigação do sistema dos estudos eclesiais, tanto a nível do conteúdo como do método, é o princípio vital e intelectual da unidade do saber na distinção e respeito pelas suas múltiplas, conexas e convergentes expressões (VG, 4c).

Ao ressaltar as categorias da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade como critério fundamental no processo educativo, compreendemos que o Papa Francisco, mediante a inúmeras iniciativas, tem colocado em prática tal proposta, de modo que somos desafiados a acolher esta como uma dinâmica referendada por diferentes atores devidamente autorizados no processo educativo. Deste ponto de vista, entendemos que seremos cada vez mais eficientes na sublime vocação da educação. Compreendemos, ainda, que não há necessidade de elencar tais autores, uma vez que, neste mesmo artigo, trazemos vários interlocutores que colaboram na fértil imaginação metafórica do amor pela educação.

A imaginação na metáfora do amor

Para os autores aqui em interlocução, o ponto de partida na compreensão da imaginação está no fenômeno da percepção, porém, não como a pensou o filósofo David Hume, cuja imagem é apenas o resíduo de uma impressão recebida pelos sentidos. A nosso juízo, vale à pena recorremos ao pensamento do filósofo francês Paul Ricoeur, uma vez que ele se aproxima muito mais da linha kantiana, de onde deriva a ideia de imaginação criativa.

Recordemos que as Ciências Humanas, as Antropologias e, exclusivamente, a Filosofia têm posto em relevo esta busca de sentido do ser humano, que se acentuou depois da crise da metafísica do século XX. Sabe-se que, desde os tempos antigos, já nos “Oráculos dos Templos Delfos”, a máxima do “conheça-te a ti mesmo” era tida como imperativo da busca pelo sentido. Passando pelo medievo, Tomás de Aquino acentua que a vida tem um sentido, pois comporta uma estrutura que a faz inteligível (Sth. I. q. 77. a. 7). Compreende-se aqui, que antes da busca do sentido, há um sentido, pois “ter sentido, é prévio ao “dar sentido”, uma vez que o “ter sentido” funda a possibilidade e a responsabilidade de “dar sentido” (Pié-Ninot, 2009, p. 106). Em outras palavras, recordamos que a ênfase no “ter sentido” determina o fundamento ontológico desafiante de cada ser humano. Isto, é, cada ser humano é portador de uma capacidade de procurar pelo sentido genuíno de sua existência e, essa tarefa, perfaz a sua vocação pela busca dos sentidos, que já o sentido está no interior de cada ser, e que precisa ser evidenciado, de modo que, paradoxalmente, na busca do sentido, damos sentido à nossa própria existência. De fato, entendemos que o dar sentido à própria existência, como processo educacional, está precedido pelo ter sentido. Descortinar esse potencial, essa busca constante do sujeito que se pergunta e se inquieta, diante da sua contingência e finitude, tem um sentido do humano. Sentido esse que a narrativa faz eclodir como esperança e como ética do bem viver. Neste itinerário educativo, caminharemos para um novo humanismo antropológico, cuja riqueza e beleza da vida se faz ver.

A antropologia que nasce do novo humanismo do Papa Francisco propõe que, na criação de uma harmonia educacional, a pessoa com os seus valores e dignidade deverá sempre estar no centro do processo educativo em contraposição à cultura do descarte. Segundo ele, os destinatários primeiros da educação deverão ser ouvidos e participarem da construção de um futuro de paz, e justiça, incluindo os primeiros educadores que são as famílias e a comunidade, a fim de que, mediante a excelência no agir e testemunho de um jeito novo de viver, possamos oferecer pessoas maduras para a grande sociedade (Conceição; Nobre, 2021, p. 65).

Nesta perspectiva, argumentamos que a imaginação na metáfora do amor está implicados valores, cuja filosofia de vida deverá dispensar uma prioridade ao ser humano que, ao ser colocado no centro, seja este evidenciado. E, em vista disto, cabe ao processo imaginativo e metafórico, regados pelo amor, facilitar ao ser humano a sua preciosa capacidade de busca, de inquietações e perguntas pelo

sentido dessa riqueza do processo educativo na constituição de si mesmo. Em outras palavras, o processo educativo dispensará a capacidade aos seres humanos de lerem a si mesmos, de lerem pessoas e de evidenciarem a sua extirpe transcendente. Em vista desta compreensão argumentamos que o ser humano é sabedor que, por perguntar, buscar, inquietar-se está dotado de uma abertura inerente a si, que aponta para o não conseguido, para o absoluto, para o infinito, o último e para o transcendente (Pié-Ninot, 2017, p. 87).

As Ciências Humanas, na busca de construir novos âmbitos de orientação a partir de um campo hermenêutico, ressaltam que o desafio e a problemática mais importantes diante desta busca é “como descobrir o sentido definitivo na realidade contingente” (Kausfmann, 1986, p. 24). Vários pensadores se ocuparam dessa temática: Kant, ao ressaltar a ordenação do sujeito a uma meta e a um valor da vida; Maurice Blondel, destacando a questão fundamental do ser humano em seu perguntar pela razão da sua existência. J. Ortega, Gasset, J. Gómez Caffarena e Xavier Zubiri compreendem a palavra ‘sentido’ como reconhecimento vital do sentido que gera uma opção inicial destinada a não encerrar o caminho e a mostrar a abertura progressiva para um possível sentido positivo. Em definitivo, esta recuperação positiva significa um momento de decisão e de compromisso para o sentido, porque se vai discernindo-o como necessário e essencial (Pié-Ninot, 2017, p. 87).

Com isso, evidencia-se que, na ontologia quebrada, como a classificou Ricoeur, o ser humano, em busca de si mesmo, necessita de mediações que lhe permita habitar “um mundo novo”. Portanto, deduz-se que, num processo pedagógico, a metáfora do amor abre-nos a possibilidade da utopia de um mundo mais humanizado. De fato, a partir da proposta do Pacto Educativo Global, vale entender com Francisco que o que nos humaniza é a prática do amor e da justiça. E isso se efetiva mais fortemente pela arte da compaixão e do cuidado. Assim, não é sem consistência recordar que é próprio da natureza humana e reside no cuidado consigo, com o outro e com a criação. Cuidar é uma realidade ontológico-existencial, como a definiu o filósofo Heidegger. Para ele, o ser humano é um “ser-aí”, seu célebre anacoluto, o “Dasein”. O ser humano é projetado para o “vir-a-ser”, pois só existe enquanto ser no mundo. Ele é um “ser-no”, por isso, um “ser-com”. Sua existência só é possível na alteridade. O ser humano é o pastor do ser, na medida em que se coloca em abertura para o outro. Para Zubiri, essa abertura revela a mim mesmo; em mim mesmo, que, em certo modo, já estão os demais. Esse princípio de alteridade define a subjetividade humana como intersubjetiva.

Nesse sentido, na história da Pedagogia, o Pacto Educativo Global não cai pronto do céu, ele se dá na urgência dos nossos tempos, mediante o dinamismo da história e está ligado ao tema do amor como razão fontal do humano. Como lembra o filósofo Rousseau: o amor é o sentimento natural do ato educador. O educador Pestalozzi aponta para uma dimensão capital: a do coração como ponto central da ação educativa. Para o educador, é um imperativo prestar contas de suas experiências de coração, na arte do cuidar. Pois se trata de um caminho, assim como o define Luís Carlos Dalla Rosa: “Trata-se de um caminho que se faz sem a intenção de sobrepujar, englobar, dominar, pois o outro não é, de antemão, objeto de conhecimento, mas anúncio – expressão – que abre para o Infinito. É a sabedoria do amor como serviço do amor” (2012, p. 145).

Aqui, nos apropriamos desta expressão de Levinas: Sabedoria do amor. Expressão que evoca, por si, a dimensão exodal do ser humano, uma vez que é próprio do amor lançá-lo para fora de si mesmo. O amor é saída, e está circunscrito na mediação exodal. “A sabedoria do amor que irradia o desejo de estabelecer com o outro uma relação de cuidado, de bondade, de ternura, enfim, desejo ético a serviço do próximo, desdobra-se na possibilidade de uma Educação para o êxodo [...] movimento do eu que se abre hospitaleiramente a outrem”, diz Dalla Rosa. (2012, p. 145). De fato, é pelo grau de ternura que se mede o grau de humanidade atingido.

Em suma, entendemos que mediante a imaginação na metáfora do amor educa-se para os valores, vivendo-os, praticando-os e fazendo deles, antes de tudo, uma razão de vida. Educar efetivamente não é algo fácil e automático, por isso, mais do que demonstrar os valores da vida, é preciso mostrá-los no testemunho da própria vida. Parafraseando Inácio de Antioquia, podemos dizer que se educa, sim, através do que se diz, mas se educa muito mais através do que se faz e do que se é. Educa-se quando se desenvolve, no ser humano, um ímpeto de criar e recriar. E, nesta perspectiva, faz-se necessário recorrermos à riqueza da linguagem para a nobre tarefa de constituição de um ser humano renovado. Renovação essa que se efetiva mediante o sinuoso processo de tecelagem do belíssimo artesanato da existência educativa.

A riqueza da linguagem para o artesanato da existência educativa

Para Ricoeur, são as expressões-limite que trazem uma carga radicalizada da existência, isto é, aquelas que realmente tratam dos mais dramáticos limites da existência humana, e que acabam por colocar os humanos em face ao imponderável, a fim de que possam agir bem, com prudência e sabedoria prática. São essas situações limites que caracterizam a linguagem metafórica e poética, cujas narrativas existenciais são evocadas no humano, na medida em que: “Suscitam uma forma de ruptura na concepção costumeira da existência que sacode o leitor em seu projeto de fazer de sua vida um todo coerente” (2009, p. 41). Destarte, podemos dizer que a poética, enquanto possibilidade de resignificação da vida, atua como um “*sêmen* de esperança”, cuja capacidade de ser mais, no humano está implícita.

Entendemos que assumir a noção de inconclusão sob a perspectiva do “ser mais” na eclosão poética da resignificação da existência possibilita admitir que há, no ser humano, uma potencialidade à vida. Viver é ser, nas palavras de Michel Henry. Para o filósofo francês, o ser humano é o ser vivente por excelência. Por conseguinte, ele precisa ter consciência da sua potência, tal como anunciara Aristóteles à luz do conceito *conatus*, de Spinoza. Para o filósofo de Estagira, *Dýnamis* é possibilidade, potência. *Enérgia* é *energia*. Consequentemente, Aristóteles interpreta esse movimento da *dýnamis* à *energia*. Por outro lado, o conceito de *conatus*, para Spinoza, significa impulso, inclinação, tendência. Para Ricoeur, esta mesma potência é o que determina o sujeito capaz. Embora o ser humano seja frágil, a sua falibilidade faça parte da sua vida, seja ato, a potência está aí, o habita. O ser falível de Ricoeur é o *homo capax*, o horizonte que lhe afeta o mistério mais profundo da sua existência é o da resignificação de suas possibilidades desconhecidas do hoje no terreno comum da nossa existência.

Entendemos que é munido desse entendimento, o de uma existência capaz, de uma potencialidade que o Papa Francisco sonha, acredita e provoca nos seres humanos hodiernos, uma saída para o caos do presente. Como ser portador de esperanças, possibilita aos humanos um novo jeito de repensar a educação, de modo que todos possamos nos envolver nesse sinuoso processo de formar um ser humano cada vez mais capaz de se superar e de se ajudar, mediante a pluralidade de saberes.

Trata-se de oferecer, através dos vários percursos propostos pelos estudos eclesiais, uma pluralidade de saberes, correspondente à riqueza multiforme da realidade à luz patenteada pelo evento da Revelação, pluralidade essa que seja ao mesmo tempo harmoniosa e dinamicamente reunificada na unidade da sua fonte transcendente e da sua intencionalidade histórica e meta-histórica como se apresenta escatologicamente em Cristo Jesus: ‘Nele – escreve o apóstolo Paulo – estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento’ (Cl 2,3). Este princípio teológico e antropológico, existencial e epistemológico, reveste-se de um significado peculiar e é chamado a mostrar toda a sua eficácia não só dentro do sistema dos estudos eclesiais, garantindo-lhe coesão junto com flexibilidade, dimensão orgânica juntamente

com a dinâmica, mas também em relação ao panorama atual fragmentado e muitas vezes desintegrado dos estudos universitários e ao pluralismo incerto, conflitivo ou relativista das convicções e opções culturais (VG, n.4).

Observando a abertura, atualidade e a profundidade das palavras do Papa Francisco, entendemos que, cada vez que acolhemos com empatia a sua proposição educacional, evidenciada nas diferentes frentes, só nos resta contribuir, de modo sério e criativo, possibilitando aos seres humanos da atualidade a mesma acolhida e abertura. Sabemos que o ser humano é um animal hermenêutico, que se compreende e se interpreta, e a interpretação do seu ser e do seu agir nunca é de maneira imediata. Necessariamente, passa pela interpretação de suas obras. Daí a importância de afirmar que se ressignifica a vida a partir da vida, pois a vida, mais do que no pensar, está no afetar e no ser afetado. É afetividade que nos define, como tem pensado Michel Henry. Logo, é neste artesanato da existência que o ser humano se vê impossibilitado de escapar de si mesmo. A sua autoafeição é a sua *ipseidade*, o que é o seu ser, no mais íntimo da sua interioridade. No entender desta pesquisa, é aqui que a poética desnuda o mistério, toca o mistério do paradoxo do mistério mesmo do *homo absconditus/revelatus*, pois a poética toca o recôndito mais profundo da significação da *ipseidade*, do mistério – do que sou – do eu profundo – garantindo a permanência do si mesmo.

Sabe-se que o debate em torno do conceito de pessoa atravessa a história da Filosofia, da Teologia e das Ciências Humanas. Mas é, efetivamente, no século XX que se encontra um espaço fecundo para tal desdobramento. Estudiosos da Antropologia Filosófica e da Psicologia Social afirmam que, no princípio de tudo, está a ideia de relação. Esta fundamentação, tanto do ponto de vista antropológico, bem como do psicológico, configura-se na definição da Antropologia Teológica, e esta afirma que o ser humano é, em si mesmo, relação. No campo da Filosofia da Subjetividade, com seus vários expoentes, como Martin Buber, ressalta-se o descobrimento da dimensão pessoal e apresenta o sentido e significado da pessoa em sua dimensão tanto horizontal como vertical. Assim, recordamos que se trata de uma abertura para o outro e para o totalmente Outro, entendendo que nisso que constitui o conceito de pessoa. Nesse sentido, na perspectiva de facilitar ao processo educativo uma proposta ampla e integradora, Francisco evoca Rosmini para uma decidida reforma no campo da educação cristã com as seguintes palavras:

O próprio beato Antônio Rosmini convidava a uma decidida reforma no campo da educação cristã, restabelecendo os quatro pilares sobre os quais esta assentava firmemente nos primeiros séculos da era cristã: 'a unicidade da ciência, a comunicação de santidade, o costume de vida, a mútua oferta de amor'. Ele argumentava que o essencial é devolver a unidade de conteúdo, perspectiva e objetivo à ciência que é comunicada a partir da Palavra de Deus e do seu ponto culminante em Cristo Jesus, Verbo de Deus feito carne. Se não existe este centro vivo, a ciência não tem 'raiz nem unidade', permanecendo simplesmente 'agarrada e, por assim dizer, suspensa da memória juvenil' (VG, n.4).

Deste ponto de vista, Francisco apresenta elementos fundantes que precisam ser levados em consideração na formação humana integral, cuja dimensão relacional se faz necessária. E, para tanto, a unicidade do conteúdo das ciências se faz importante para que esteja enraizada na vida, cuja convivência humana se faz constituir. Também Emmanuel Lévinas tem consciência de que a pessoa é um ser em relação e, em suas palavras, assevera: "Uma pessoa só é pessoa quando está ante outra pessoa ou pessoas. Quando está só perante a natureza cósmica, de certo modo deixa de ser pessoa" (Dussel, 1986, p.19). Desde esta via antropológica, a pessoa é concebida como relação. A dimensão relacional é fulcral nestes pensadores, pois um indivíduo é o que é: o seu sistema de relações humanas.

A verdade da pessoa humana não está em seu ser sujeito, em si considerado, senão em seu ser em correlação estrutural com os outros sujeitos. Compreendemos que a identidade não está no sujeito, mas na relação. Em sintonia com a proposta do Pacto Educativo perpetrada pelo Papa Francisco, é possível dizer que esta transição se caracteriza pela necessária e conflitante nostalgia de um tipo de Educação que coloque a pessoa no centro, não somente como quem é capaz de aprender e qualificar suas habilidades cognitivas e intelectuais, mas que seja plenamente humano, capaz de ser afetado e afetar. Pois na sua autoafetação, por afetar e ser afetado, é um ser que pensa e ama, e, em consequência, capaz de usar o coração como fonte inspirativa do mistério total da existência que habita.

Neste contexto, é que refletimos sobre a riqueza da linguagem na arquitetura do humano. Portanto, uma análise sobre a linguagem como mediação do ser humano se destaca de modo particular, uma vez que o próprio ser humano é linguagem e se manifesta por meio dela. Vale ressaltar que, numa análise cognitiva da linguagem, essa não pode ser considerada um sistema fechado, sem o contato com o sujeito que fala. Argumentamos que a metáfora e a poética encontram-se no horizonte da metalinguagem, do extralinguístico, da extravagância da linguagem, ao que se escapa da “clausura dos signos”, tal como denominou o sistema estruturalista e fechado da linguagem de Saussure. Opondo-se a esse pensamento, o filósofo de Valence introduz a ideia de hermenêutica como abertura ao universo dos signos, pois considera que a linguagem se abre a um novo universo, ao das relações intrassignificativas (Ricoeur, 1969, p. 83-85). Por esta razão, a linguagem é mediação em tríplice sentido: a) mediação do ser humano com o mundo; b) mediação do ser humano com os outros seres humanos; e c) mediação do ser humano consigo mesmo (Ricoeur, 1994, p. 8). Por outro lado, entendemos que transgredir a clausura do signo é tarefa da hermenêutica, que abre a linguagem a sua criatividade e a sua força semântica e artesanal.

No estudo da linguagem, a imaginação é o poder de esquematizar a nova pertinência semântica e, ao mesmo tempo, explorar o mítico-poético da linguagem, como afirma Ricoeur. Por outro lado, sendo ela um qualificador criativo e produtivo de sentido, está presente nas metáforas, e são nelas que nascem novos sentidos e novas categorias, graças a sua capacidade de ver como “um aspecto da operação semântica que consiste em perceber o semelhante no dessemelhante” (Ricoeur, 1994, p. 14). Na imaginação produtiva, há sempre uma referência transformadora: nela não se vê menos, mas se vê como si mesmo. Esse perceber não é passivo, e sim criativo. A imaginação é a condição para figurar e refigurar a realidade. A imaginação produtiva não é ilusão, pois essa última seria, na perspectiva da transformação, impotência: “Ilusão que a sociedade é algo mais necessariamente determinado (não faz sentido) do que uma figuração humana sempre a refazer” (Kearney, 1984, p. 137). Esse processo imaginativo a partir da proposta educativa de Francisco se faz perante uma perspectiva que tem a sua filosofia de vida talhada pelo humanismo cristão.

O Papa Francisco ressalta a necessidade urgente de processos criativos e transformadores, fundamentados na doutrina social da Igreja, que é inspirada nos princípios da Revelação e no humanismo cristão. Segundo ele, isso vai proporcionar uma base sólida e uma fonte viva que sugerem caminhos e pistas de ações para a atual dramaticidade educacional e de outras naturezas. Para tanto, não obstante aos descaminhos do tempo presente como é da natureza da educação ser habitada por uma esperança de paz, justiça, beleza e harmonia social, o investimento na educação deve ser para aquela de qualidade e de acesso para todos. Desse modo, nela todos devem permanecer com sucesso, cultivando a fraternidade e gestando novidades que favoreçam, indiscriminadamente, a dignidade humana. Numa palavra, essa educação que buscamos não acontece por acaso e nem acidentalmente. Pelo contrário, ela é buscada conscientemente e será possível mediante uma ‘arquitetura’ da paz na qual não cabe qualquer tipo de exclusão (Conceição; Nobre, 2021, p. 66).

Nesse sinuoso processo educacional se faz, pois, necessário o rico trabalho interdisciplinar. É mediante ele que a Ciências da Educação, a Filosofia e a Teologia se embrincam mutualmente quando o assunto é a busca do sentido da pessoa humana. É a poética do homem capaz que esclarece que, antes da busca do sentido, há um sentido, pois, como dito anteriormente, “ter sentido” é prévio ao “dar sentido”, visto que o primeiro funda a possibilidade e a responsabilidade de “dar sentido” (Pié-Ninot, 2009, p. 106). Este diálogo interdisciplinar finca suas raízes no terreno da Antropologia, uma vez que é por meio dela que se pergunta: “O que é que temos de resgatar de mais humano no humano? E a resposta será: “O humano”. Porque, em termos antropológicos, o humano nos habita. O humano é hospedeiro do humano. Casa do humano! Daí que, teologicamente, se diz que a incompletude do humano é a sua responsabilidade ética. Somos feitos incompletos para sermos responsáveis uns pelos outros. Nossa incompletude, diz a Teologia, é a nossa responsabilização ético-moral pelo outro. É da consciência da incompletude que o ser humano chega à consciência da ética do cuidado. Da realidade ontológico-existencial o ser humano, sempre projetado a ser mais nas relações que o constitui o ser-no-mundo, deve buscar e construir a ética do bem viver.

Desse ponto de vista, se faz urgente compreender a riqueza da linguagem como fenômeno total na arquitetura do ser humano. Por um lado, isso significa assumir que os elementos linguísticos tais como a leitura, a palavra, o texto, a narrativa, o símbolo, a metáfora e a poética permitem pensar e interpretar o sentido da existência humana. Por outro lado, é pela capacidade de resignificar a vida que cada pessoa pode reencontrar, em cada momento decisivo de sua vida, formas de resignificação de dar presença ao outro por meio do reconhecimento mútuo (Xavier, 2019, p. 13).

Em suma, com um autor caro ao Papa Francisco, ressaltamos que, segundo Paul Ricoeur, o ser humano aprende a reconhecer-se a si mesmo na relação com as outras criaturas, expressando-se, exprimindo o mundo, explorando sua sacralidade decifrando-a do mundo. Observa-se assim, que, a decifração de si passa pela interpretação crítica do mundo. Ler o mundo é, antes de tudo, a decifração de si na relação com os outros e com o mundo e no mundo. Nestes tempos em que a interdependência comum e o urgente grito para que a dimensão do cuidado com a Casa Comum se faz necessário, recorrer à riqueza da linguagem na arquitetura do humano que se dedique a um Pacto Educativo Global se encaminha cada vez mais na medida em que nos envolvemos nessa aventura do existir.

Considerações finais

À primeira vista, o leitor poderá até achar estranho que tem poucas referências de Francisco sobre a questão discutida neste texto. Contudo, ao observar o próprio título bem como a questão proposta no resumo, se dará conta daquilo que queremos trazer como aporte para a proposta perpetrada pelo Papa Francisco sobre o Pacto Educativo Global, a contribuição de vários atores. Compreendemos que quanto mais refletirmos sobre os desafios que contém o espírito do Pacto Educativo, tanto maiores chances teremos de avançar no sinuoso processo educacional de formação humana integral.

Ao trazermos diferentes pensadores para a presente discussão, compreendemos provocar o leitor para que sejamos cada vez mais criativos e ousados, como o próprio Papa Francisco tem sido nas suas várias iniciativas e proposições. Aliás ele deveria ser chamado Papa ousadia. As reflexões acerca da compreensão da educação que se busca bem como os elementos tanto da linguagem quanto da poética, da metáfora que contribuem ricamente no processo educativo são aqui enfatizadas.

Isso se faz, mediante o entendimento de que a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são necessárias, bem como reivindiquem:

a necessidade de 'criar redes' entre várias instituições que, em todas as partes do mundo, cultivam e promovem os estudos eclesiais, ativando decididamente as oportunas sinergias também com as instituições acadêmicas dos diferentes países e com as que as inspiram nas várias tradições culturais e religiosas, dando vida simultaneamente a centros especializados de investigação" (VG, n.4c).

De modo que isso possibilite estudar e discutir problemas educacionais que dizem respeito à própria humanidade. Entendemos que todo esse exercício educativo não é somente uma genuína educação para o coletivo, como também a sinuosa possibilidade de caminharmos para a constituição de uma verdadeira cultura do cuidado e de uma fraternidade universal que, como bem sabemos, é tanto conclamadas pelo Papa Francisco nos seus documentos *Laudato Si'* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020).

Desse modo, a presente reflexão evidencia a importância da proposta de criação de um Pacto Educativo Global, de modo que ao olharmos para as próprias palavras que compõe o título nos colocamos perplexos: como pode alguém, hoje, em face ao espírito de grave egoísmo no qual a sociedade está imersa, sonhar com a possibilidade de chegarmos a um pacto sobre um tema tão negligenciado como a educação e com pretensões de universalidade? Contudo, ao nos darmos conta de quem propõe, já não resta mais dúvidas de que é preciso começar e, por isso mesmo, aqui estamos nós a escrever na esperança de que mais gente entrará na caminhada conosco. Agradeceremos muito a leitura, bem como as possibilidades de ressonâncias, uma vez que os contatos dos autores seguirão após o texto publicado. Boa leitura.

Referências

CONCEIÇÃO, Elizeu da. NOBRE, José Aguiar. O humanismo do Papa Francisco e o Pacto Educativo Global. In. MANZATO, Antonio; XAVIER, Donizete José; AMORIM, Fernando de Oliveira. (Orgs). 2 *Franciscos: por um novo humanismo poético e profético*. São Paulo: Editora Recriar, 2021.

DUSSEL, Henrique. *Ética comunitária: liberta os pobres*. São Paulo: Vozes, 1986.

FRANCISCO, Papa. *Constituição Apostólica Veritatis Gaudium: sobre as Universidades e Faculdades Eclesiásticas*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo*. 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html. Acesso: em 25/03/2024.

GESCH, Adolph. *O ser humano*. São Paulo: Paulinas, 2003.

KAUSFMANN, Frans-Xavier. *Experiência de la contingência y pregunta por el sentido*. Madrid: SM, 1986.

KEARNEY, Richard. *A poética do possível*. Fenomenologia hermenêutica da figuração. Lisboa: Piaget, 1984.

PIÉ-NINOT, Salvador. *La Teología Fundamental*. "Dar razón de la esperanza" (1 Pe 3,15). Salamanca: Secretariado Trinitario, 2009.

PIÉ-NINOT, Salvador. *Teología Fundamental*. Madrid: BAC, 2017.

RICOEUR, Paul. *Le conflit des interprétations: essais d'herméneutique*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

RICOEUR, Paul. *Lecture 3: Aux frontières de la philosophie*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

RICOEUR, Paul. *Philosophie de la volonté 2: Finitude et Culpabilité*. Paris: Éditions Points, 2009.

ROSA, Luis Carlos Dalla. *Educar para a sabedoria do amor. A alteridade como paradigma educativo*. São Paulo: Paulinas, 2012.

TOMAS DE AQUINO. *Suma Teológica* (Vol. 1 q. 1.77 a.7). Tradução de Gabriel C. Galache e Fidel Garcia Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2003.

XAVIER, Donizete José. *Paul Ricoeur: uma contribuição de estudantes para estudantes*. "Na escola de Paul Ricoeur". São Paulo: Fons Sapientiae, 2019, p.11-16.

RECEBIDO: 26/03/2024
APROVADO: 26/07/2024

RECEIVED: 03/26/2024
APPROVED: 07/26/2024